

**CIÊNCIA ABERTA: IMPLICAÇÕES E POSSIBILIDADES**

Cláudio Nascimento Silva

*Editor*

O debate em torno do tema da Ciência Aberta está relacionado ao debate entre público e privado, entre socialização e privatização do conhecimento, como bem esclarece Albagli (2015). Por Ciência Aberta, compreende-se o movimento que pressupõe transparência em todas as etapas e processos de pesquisa. Isso pode significar uma transformação nas práticas científicas atuais. Se, atualmente, a revisão por pares é realizada, principalmente, pelo sistema duplo cego, em que os avaliadores desconhecem a identidade de autores e vice-versa, com a ciência [totalmente] aberta, a avaliação seria igualmente aberta. Se os dados da pesquisa ficarem, até o presente momento, sob a guarda individual e exclusiva do pesquisador, com a ciência aberta estariam acessíveis à toda comunidade científica. Ocorre que o movimento por uma ciência aberta tem gerado resultados que já se encontram incorporados ao *habitus* científico atual, tais como: o aumento do número de publicações periódicas no sistema online e aberto com a popularização do Open Journal System (OJR); a utilização de métricas em repositórios como Web of Science, Scopus, Google Scholar; os vários mecanismos utilizados para medição da produtividade do pesquisador, como o índice h; as plataformas que publicam os resultados dos trabalhos de pesquisadores como Plataforma Lattes, Orcid e ResearchGate, permitindo que qualquer cidadão tenha acesso às contribuições de cada um à área a que pertence.

A ciência, conforme nos alerta Demo (2003), seja ela financiada com recursos públicos ou privados, deve-se orientar por dois conjuntos de critérios: científicos e políticos. Os critérios científicos são aqueles que fazem com que certos discursos, processos ou resultados sejam considerados científicos. Em outras palavras, dão legitimidade formal à prática científica. Os critérios políticos, igualmente importantes na

demarcação do processo científico, levam em conta a cultura, a economia e as relações sociais no interior de cada sociedade. Ou seja, são os espaços em que as subjetividades humanas se manifestam. E é exatamente na manifestação dessas subjetividades que a política acontece. Trata-se, portanto, de uma política pensada sob o ponto de vista freiriano, isto é, a organização das intencionalidades humanas em prol da construção de um projeto societário.

É importante dizer que o avanço do capitalismo sobre a prática científica compromete o caráter público da ciência e pode contaminar o compromisso da pesquisa com a produção de conhecimento responsável e confiável. As instituições de pesquisa e desenvolvimento devem apresentar, de modo claro e inequívoco, seu compromisso com uma ciência que se volta para os interesses sociais e coletivos e não para o lucro desenfreado. Quando falamos em ciência aberta, devemos falar também no enfrentamento às forças obscuras do capitalismo cognitivo que se apropria dos resultados do trabalho do pesquisador individual. Por isso que defendemos a ideia de que não se faz ciência somente a partir de critérios científicos. Também se faz ciência mediante princípios políticos, o que pressupõe escolhas a projetos e modelos científicos. Kuhn (1995) explica que a ciência é organizada por paradigmas que não são outra coisa, senão modelos dominantes de ciência que podem muito bem desmoronar-se para dar lugar a outras concepções da prática científica. A ciência verdadeiramente aberta deve ser, além de uma política científica de Estado, também uma escolha que fazemos no nosso dia-a-dia, enquanto pesquisadores, quando comunicamos, de modo irrestrito, os processos e os produtos da pesquisa que realizamos. Por essa razão, a Revista Nova Paideia reafirma seu compromisso com o movimento da Ciência Aberta como forma de ampliar o movimento do acesso aberto ao conhecimento e, com isso, fortalecer o compromisso da ciência com o progresso da humanidade.

### Referências

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud organizadores. **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: At, 2000.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.